

7.05.05 – História/História do Brasil.

**MEMÓRIAS DO CATIVEIRO NOS CONGADOS DE SÃO JOÃO DEL REI E REGIÃO:
TRAJETÓRIA FAMILIAR**

Simone de Assis¹*, Sílvia Maria Jardim Brügger²

1. Estudante de Iniciação Científica do curso de História – UFSJ
2. DECIS- UFSJ – Departamento de Ciências Sociais- UFSJ / Orientadora

Resumo: O artigo procura compreender as memórias do cativo, as percepções de liberdade e cidadania narradas e cantadas por homens e mulheres entrelaçados nos festejos do Congado de São João del-Rei, Tiradentes e Barroso, entre outros da região das Vertentes. Discutimos variantes sobre cidadania pela ótica de descendentes da escravidão.

Palavras-chave: Cidadania; Identidade Negra; História Oral

Apoio financeiro: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC – UFSJ

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: UFSJ

*“Abra essa porta de manso, e de manso eu quero entrar. Manda essa vontade Deus, de manso eu quero entrar. Dança calango: alegre estou. (...) E de manso agradecemos. E de manso nós trabalha. E de manso eu quero entrar. Viemos agradecer.”*¹

O artigo procura compreender o âmbito religioso e cultural do Congado, problematizar o processo das permanências, rupturas e ressignificações das estratégias, atitudes e expectativas ao se rememorar o tempo da escravidão. Nessa perspectiva procuramos entender como são dadas a ler a identidade negra e a inserção social do negro no pós-abolição e no tempo presente, ampliando estudos e reflexões sobre a memória genealógica de algumas famílias congadeiras da região das Vertentes. Através da história oral busca-se problematizar o que é dito e silenciado na imagem que os entrevistados constroem de si, no reavivar das memórias e identidades afro-brasileiras. Nesse sentido, analisamos escolhas e estratégias adotadas por algumas famílias, como as de Dona Raimunda e Das Dores, que em um primeiro momento buscam se organizar em termos de trabalho e de identidade cultural por meio da migração, do acesso à terra, do trabalho nas pedreiras, caieiras e mineradoras da cidade de Barroso-MG. Em diferentes gerações, essas famílias, assim como outras, resgatam, adaptam e (re) inventam tradições culturais que remetem às memórias do cativo.

1- MEMÓRIA E CONGADO

*“Capitão dá licença! Oh, licença! Com licença de Deus eu chego, oh! Licença! Dá uma licença. Dá uma licença, ô, meu povo. Dá uma licença, Mãe Cambinda. Dá uma licença Pai João. Dá uma licença, preta-velha. Dá uma licença, ô, meu povo. Dá uma licença, Pai Joaquim. Dá uma licença!”*²

É com essa música que pede consentimento as entidades e superiores – capitão, Deus, povo de santo, Mãe Cambinda, Pai João, preta-velha e Pai Joaquim - que o capitão do terno Nossa Senhora do Rosário e Escrava Anastácia, Claudinei Matias do Nascimento, vulgo Prego, começa a relatar suas memórias na entrevista concedida à equipe da pesquisa “Memórias do Cativo nos Cantos do Congado”³. Conforme Glaucia Lucas, sabemos que a palavra dita, sobretudo cantada, carrega relevantes significados no âmbito da oralidade africana, sendo ponte para a comunicação com o sagrado. (LUCAS, 2002, p.77). Ademais, segundo Cláudio Márcio do Carmo, a música é um dos campos que contribui para a difusão e propagação da cultura afro-brasileira. (CARMO, 2014, p.254). Nesse sentido, buscamos refletir sobre as próximas considerações acionadas na narrativa do capitão Prego⁴, que nos conta que o interesse dele pelo Congado se deu depois que mudou para Tiradentes. Mas ele mesmo diz que a “a história é muito longa”, ou seja, vinha da infância, ainda na cidade de Barroso, quando ouvia músicas na cachoeira, algumas de caráter caipira, outras com a seguinte frase: “dá uma licença!”. Questionava ao pai, Sr. Geraldo Estêvão do Nascimento, a quem acompanhava nas pescarias na cachoeira, sobre o motivo de ouvir a canção e se era o único a escutá-la. O pai, Sr. Geraldo, dizia que era normal a presença das músicas, que também as ouvia, e ainda lhe ensinava meios para escutá-las: “basta você chegar perto da cachoeira, ficar bem quietinho que você vai ouvir”. Prego, na infância, não conseguia apreender o sentido da experiência, seu pai, por sua vez disse-lhe: “talvez um dia você vai conseguir entender isso”. O capitão relata que com o passar do tempo eles saíram do Congado, de Barroso. Mas que a migração para a cidade de Tiradentes carrega também o compromisso de retratar as memórias do cativo por meio do Congado: “eu vim para Tiradentes, para fazer isso que eu faço hoje. É sair, é cantar. Cantar nos cantos contar o que os escravos passaram. O que os escravos falavam. É cantar e mostrar para as pessoas isso”.

Podemos dizer que Prego, enquanto capitão do Congado Nossa Senhora do Rosário e Escrava Anastácia, encontra mecanismos de rememorar a escravidão e difundir a cultura afro-brasileira, por meio das ritualísticas

¹ Excerto da música Trança Fita, do grupo Caboclos- Serro/MG, entoada pelos capitães Ildeu Rabelo e Marcos Rabelo. Disponível no CD “Festa do Rosário, Serro- MG: 1724-2000” - Nas Montanhas Studio/BH-MG. A música também compõe o banco de dados da pesquisa “Memórias do Cativo nos Cantos de Congado”, da qual eu, Simone de Assis, e Samuel Pereira Avelar Júnior, fomos bolsistas, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Sílvia Maria Jardim Brügger, nos anos de 2015 e 2016.

² Música “Dá Uma Licença” entoada pelo capitão Prego – Congado Nossa Senhora do Rosário e Escrava Anastácia – Tiradentes-MG, em entrevista concedida por Claudinei Matias do Nascimento a Joarez Torres, Samuel Pereira Avelar Júnior, Sílvia Brügger e Simone de Assis, em Tiradentes, em 04/11/2015.

³ A pesquisa faz parte de um estudo mais amplo desenvolvido pela Prof.ª Dr.ª Sílvia Maria Jardim Brügger, tendo como bolsistas Samuel Pereira Avelar Júnior, Simone de Assis e, recentemente, Daniele Michael Trindade Neves.

⁴ Entrevista concedida por Claudinei Matias do Nascimento a Joarez Torres, Samuel Pereira Avelar Júnior, Sílvia Brügger e Simone de Assis, em Tiradentes, em 04/11/2015.

congadeiras. No plano simbólico, também podemos dizer que a canção que ouvia na cachoeira, com o pedido de licença, fosse uma comunicação com seus ancestrais, com seu povo, como entoa na canção em que abre a narrativa para a entrevista: “*Capitão dá licença! Oh, licença! Com licença de Deus eu chego, oh! Licença!*” (Grifos nosso). O pedido de consentimento, na cachoeira, pode ser um dos mecanismos da iniciação do capitão Prego. Nesse sentido, concordamos com Gomes e Pereira, “na hierarquia religiosa, destacam-se os capitães, que guardam os segredos do Rosário e conduzem o canto. São eles os iniciados na fé, recebendo essa missão por conhecimento e devoção”. (GOMES e PEREIRA *apud* LUCAS, 2002, p.34).

Ao firmar o diálogo do passado com o presente para retratar a si,e/ou imaginar o caminho traçado, resultante das escolhas efetuadas no compromisso de rememorar por meio dos ritos do Congado a história da escravidão, o capitão Prego, nos fornece pistas da sua subjetividade, ao mesmo tempo em que demarca a própria identidade, “sua ação era como o reflexo no espelho” (THOMPSON, 1992, p.201); tornar-se capitão de Congado. Entendemos com Paul Thompson (1992) que a entrevista de História Oral pode possibilitar uma atitude psicanalítica, pois permite que, ao narrar sobre sua história de vida, o depoente estruture análises sobre si próprio, bem como, demarcações dos posicionamentos identitários. “Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar a autoconfiança.” (THOMPSON, 1992, p.208). Mas de forma alguma objetivamos caminhar pelo campo da psicanálise, o que buscamos é “abordar historicamente o próprio processo da produção da memória” (RIOS e MATTOS, 2005, p.43). Segundo Maurice Halbwachs (2006), à memória individual está associada a memória coletiva, sendo uma leitura pessoal a partir de uma vivência grupal. Essa memória não é estática, pelo contrário, é dinâmica, ganhando características próprias conforme a circunstância vivenciada e/ou posicionamento dos sujeitos que retomam as tais lembranças, que estariam interligadas às ações individuais, coletivas, ou apenas de conhecimento prévio. Portanto, partindo da História Oral enquanto método, compreendemos, com Verena Alberti, que “conceber o passado não é apenas selá-lo sob determinado significado, construir para ele uma interpretação; conceber o passado é também negociar e disputar significados e desencadear ações.” (ALBERTI, 2004, p.33). Nesse campo, uma das ações que pretendemos desencadear é sermos mais uma das vertentes que visam ampliar os sons dos batuques do Rosário.

Cabe destacar que o Congado é uma reelaboração de heterogêneas crenças, africanas e católicas⁵, que transita com flexibilidade por distintas práticas religiosas, ou seja, não há uma forma específica, fechada, pronta para se retratar o Congado. Com o passar dos anos, cada grupo expressa uma identidade própria. Há grupos que nos dizem serem totalmente católicos, sem nenhum outro tipo de credo ou culto. Outros declaram o relacionamento com a umbanda, candomblé, espiritismo e o próprio catolicismo. Não há um grupo de Congado mais legítimo que o outro, cada qual dialoga com a própria realidade, religiosidade e identidade. Há, também, variações dos tipos de ternos que se reúnem nas festas do Congado: Congo, Moçambique, Vilão, Marujo, Caboclo, Catupé, dentre demais variações existentes. As diferenças de cada grupo expressam-se nos instrumentos musicais, melodias, danças, vestes e afins. (ASSIS, 2016.).

2- CIDADANIA E TRAJETÓRIA FAMILAR

Ana Maria Rios e Hebe Mattos (2004) levantam provocações a respeito do conceito de cidadania, problematizando o termo não apenas pela perspectiva da elite, que determina perfis civilizatórios, mas também pela ótica dos “novos cidadãos”, ou seja, os sujeitos que descendem do cativo. Indagam que devemos redefinir o conceito de cidadania, todavia, “respeitando as várias percepções que os atores históricos tiveram desse momento”. (RIOS e MATTOS, 2004, p. 191.). Por este prisma, adentramos nas narrativas da família Nascimento, compreendendo que, no campo da História Oral, estão em voga as intenções do depoente. No que se refere ao papel “factual da memória; estão em jogo as possibilidades oferecidas pela história oral no sentido de se investigar a memória lá onde ela não é apenas significado, mas também acontecimento, ação.” (ALBERTI, 2004, p.36)

2.1 – Dona Raimunda

Raimunda Maria do Nascimento, 66 anos, mãe do capitão Prego, nasceu na cidade de Ibertioga-MG. Filha de Francisco do Espírito Sales, vulgo Chico Sinhana, e Maria Sebastiana dos Santos. Conta que sua bisavó paterna, Ana Martinha de Jesus, apelido tia Sinhana, foi escrava, casada com Antônio Ladiano de Souza. Os pais e avós fizeram um itinerário familiar entre as cidades de Piedade do Rio Grande, Água Limpa e Ibertioga-MG. Dona Raimunda explica⁶ que aos sete anos de idade mudou-se com a família para outra cidade mineira, Barroso-MG. Conta que os pais trabalhavam e moravam de agregado nas terras dos patrões, que também plantavam de meia, ou terça, que exerciam diversas atividades como cuidar do gado, tirar leite, arar terra, capinar, cuidar da agricultura etc., mas que estavam ganhando pouco e a situação estava difícil. E que os patrões, pois se trata de atividades agregadas –, achavam ruim caso fossem trabalhar para outras pessoas que

⁵ Marina de Mello e Souza denomina o Congado enquanto uma das ramificações do “catolicismo negro” (SOUZA, 2002, p.323).

⁶ Entrevista concedida por Raimunda Maria do Nascimento a Samuel Pereira Avelar Júnior, Sílvia Brügger e Simone de Assis, em Barroso-MG, em 30/03/2017.

pagassem mais. Nisso, um dos tios maternos de D. Raimunda, Sr. Zé Marcelino, em busca de emprego e outras possibilidades, migrou para a cidade de Barroso. Visando e experienciando perspectivas mais favoráveis, no trabalho das pedreiras, caieiras e mineradoras na nova cidade, convenceu a família do Sr. Chico Sinhana a mudar-se também. Dona Raimunda retoma a lembrança da primeira casa em Barroso, que era de campo, feita de adobe. E que uma vez choveu muito, quase o mês todo, tanto que uma das paredes da casa desmoronou. Disse que um dos seus irmãos falou que arrumaria, mas que até hoje a casa está do mesmo jeito.

As primeiras memórias de D. Raimunda nos permitem acionar alguns aspectos da historiografia apontados por Ana Lugão Rios e Hebe Mattos (2005), como a expectativa de um campesinato negro no sudeste brasileiro, dos últimos libertos da escravidão, mediante o acesso à terra (RIOS e MATTOS, 2005, p.113.). Neste quadro, numa espécie de mudanças e permanência, entre o tempo do cativo e da liberdade, podemos apontar que o serviço pesado e mal remunerado permanece para a família de D. Raimunda, como no tempo do cativo, bem como o papel de poder do dono das terras, Sr. José Campos. Porém, os direitos de cidadania, do tempo da liberdade, asseguram o ir e vir, a mobilidade espacial após a emancipação, mesmo que para atividades laborais tão pesadas quanto a de outrora, como as atividades na mineradora e caieiras. Todavia, o que também está em jogo no tempo da liberdade é a autonomia, e um melhor valor salarial. (RIOS e MATTOS, 2005, p.121.). Também nos é possível destacar os laços e trabalho familiar. Conseguindo outras possibilidades de desenvolvimento, Sr. Zé Marcelino convida a família de sua irmã, D. Maria Sebastiana, para se inserir na nova oportunidade laboral. “A mobilidade espacial e a valorização do controle do trabalho familiar marcariam, porém, muitas descontinuidades, celebrando o tempo da liberdade.” (RIOS e MATTOS, 2005, p.126.).

D. Raimunda, nos conta que seu pai, Sr. Chico Sinhana, foi congadeiro, desde quando moravam na cidade de origem, Ibertioga, e Das Dores⁷, amiga, prima e atual festeira do Congado de Barroso, diz que a linhagem congadeira da cidade, vem de Ibertioga. D. Raimunda conta que apenas o pai participava da festa, que ela apenas assistia. Mas ela contribui para pensarmos o papel do Congado, uma vez que a cultura e religiosidade são praticamente intrínseca a sua memória coletiva, considerando a relação com os três homens congadeiros de sua vida; pai, marido e filho. D. Raimunda, embora pertencente ao Grupo de Igualdade Racial de Barroso – GIB, diferente do seu filho, capitão Prego, e da festeira, Das Dores, fala pouco, ou silencia os resquícios familiares da escravidão. Compreendemos que parte deste silenciamento está interligado com a geração a qual pertence. As primeiras gerações egressas do cativo, experienciaram uma “luta pela cidadania, nos quatro cantos de uma sociedade que, mais do que hierarquizada, se definia (e de certa forma ainda se define) a partir do mais rigoroso *apartheid* social.” (MATTOS, 1998, p. 363.) As primeiras gerações do tempo da liberdade, eram estrategicamente poupadas das narrativas da escravidão, com o intuito de “obter respeito, aceitação, dignidade e até mesmo admiração onde viviam”. (RIOS e MATTOS, 2005, p.174).

2.2 – Maria: Das Dores e Da Graça

Maria da Graça Vicente de Oliveira, mais conhecida como Das Dores, 57 anos, filha de Valter Vicente Gonçalves e Maria Raimunda de Jesus, nasceu no bairro Praia, da cidade de Barroso-MG. Seu pai foi tropeiro, vindo de Juiz de Fora-MG, e sua mãe é de Ibertioga, e possui laços de parentesco familiar e comunitário com D. Raimunda. Das Dores participa do Grupo de Igualdade Racial de Barroso – GIB, e é a festeira do bairro Praia. Ela nos conta a particularidade do seu apelido: sua mãe pediu ao avô que a registrasse, com o nome de Maria das Dores, mas o avô não levou o papel com o nome, ao chegar no cartório de registro, nomeou-a por Maria da Graça. Mas Das Dores, apenas foi descobrir sobre seu verdadeiro nome, aos sete anos, na escola. A professora fazia a chamada e o nome dela nunca aparecia, assim como a pessoa de Maria da Graça nunca estava presente, então foi verificar e constatou que a Das Dores era a Maria da Graça. Das Dores e Da Graça, assim também estabelecemos nossas considerações sobre Maria, que carrega dores e graça(s) ao desencadear a história de vida.

Das Dores carrega uma memória familiar fragmentada, a respeito do cativo. Não conheceu a família paterna, pois o pai, tropeiro, veio de Juiz de Fora, construiu família em Barroso, e não retornou à cidade de origem. Conta que com 13, 14 anos mudou-se para São Paulo, foi trabalhar como empregada doméstica para uma família de conhecidos que ia à Barroso. Diz que logo depois que partiu, sua mãe, Dona Maria Raimunda, adoeceu e veio a falecer. Conta com pesar, “lá se foi a raiz...”⁸ Em momentos lamenta ter saído cedo de casa, mas também considera que queria conhecer outros ambientes, por isso aproveitou a oportunidade.

Das Dores, porém, procura por estas lembranças, disputa a memória do cativo como visibilidade da sua afirmação identitária. Portanto, constrói suas tradições com base na memória coletiva negra, com a qual tem contato e se identifica. Diz que sua raiz é misturada, do encontro de Juiz de Fora, pai, com Ibertioga, mãe. Fala: “Eu queria ter muita história para contar. Mas o que eu tenho é atual. Mais ou menos atual, mas eu queria

⁷ Idem

⁸ Idem

ter conhecido a família da mãe, assim, certinha. Eu não conheci.”⁹ Nessa direção da procura de si, das memórias que gostaria de ter ouvido, na imaginação do que poderia ser, Das Dores, edifica Graças, é a “bambambã da Praia”, segundo as considerações do padre Raimundo Inácio – que era também um congadeiro, membro da pastoral afro-brasileira, vertente da Teologia da Libertação¹⁰, – nas recordações que faz ao falar dele. Ademais, caminha para o oitavo ano do encontro congadeiro que promove, em que é a festeira. Das Dores procura difundir a cultura afro-brasileira, através de eventos que abarcam, o Hip-Hop, Capoeira, Congado, Folia de Reis, teatros sobre as temáticas do 13 de maio, Zumbi dos Palmares, desfiles da beleza negra, e afins. Além de ficar por dentro das questões jurídicas e sociais que envolvem o direito trabalhista e de aposentadoria das mulheres negras da cidade de Barroso. Diz que já falou muito amém, mas que agora pode dar os gritos, que luta por respeito dos sujeitos históricos e da memória dos ancestrais: “senão, não vale a pena, que coitado, eles morreram no tronco, apanhando. Nós vamos continuar falando amém?”¹¹ Nessa direção, concordamos com Ana Lugão Rios e Hebe Mattos que “redefinindo os significados emprestados à memória do passado escravo, eles substituem hoje a antiga invisibilidade por uma incisiva afirmação de sua identidade negra.” (MATTOS e RIOS, 2005, pp.47-48).

Após a entrevista, que foi registrada em áudio e em vídeo, solicita aos entrevistadores que também compartilhem os vídeos e fotos dela, pois está construindo o acervo sobre as memórias congadeiras de Barroso. Ademais, nos disse que guarda todos os jornais, e/ou roteiros das atividades que desenvolve ou participa. Na ausência de memórias sobre o que deseja saber, preocupa-se em guardar as fontes na organização e dinamismo da construção que faz de si. Ao que tange as interpretações que Das Dores faz do bairro Praia e da cidade de Barroso, tece severas críticas as mineradoras, pedreiras e caieiras, que contribuíram para a seca do córrego, da “prainha”, que fizeram do rio, local de esgoto, e que tem depredado a natureza com os cortes de árvores. É com esse ir, entre lamentos e gracejos, militâncias por questões ambientais, sociais e difusão da cultura afro-brasileira que Maria da Graça, a Das Dores, erige sua história individual e coletiva.

3- CONCLUSÃO

*Olelê ti leleô, olelê ti leleô. Adolelê e leleô. Pavão dourado bateu asa e avoou. Adeus povo bom, adeus eu também vou.*¹²

O som dos batuques congadeiros do tempo presente ampliam a voz de gerações passadas, egressas do cativo que outrora agiam sob estratégias do silenciamento. Ambas as gerações se movimentam pela memória da escravidão e da liberdade, inventando, ressignificando e transformando suas tradições. Nesse sentido procuramos compreender que a cultura não é estanque, pelo contrário, transforma ao mesmo instante em que é transformada. Ao analisar as narrativas, percebemos uma memória que não passa, é latente, se sublima no tempo, mesmo que em outras roupagens, pois trata-se de uma memória traumática. Todavia, também enxergamos o campo da História Oral como espaço de construções de saber compartilhado, em que entrevistador e entrevistado colocam em ação a memória, organizando a narrativa que constroem, com a tonalidade que desejam, a respeito dos saberes que carregam e/ou acionam. Percebemos o catolicismo negro, como expressão da religiosidade e da cultura miscigenada, afro-brasileira. Vemos, nesta afirmação identitária, elemento de poder, distante das polarizações e dos binarismos, para refletirmos sobre as escalas e degrados do Brasil, tal qual a importância do diálogo, da pluralidade e do colorido das fitas e vestes do Congado.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. Ouvir Contar: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- ASSIS, Simone de. Memórias do cativo nos cantos de congado: cultura e pertencimento. Relatório de iniciação científica, UFSJ, 2016, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Sílvia Maria Jardim Brügger
- BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. Minas Patriarcal. Família e Sociedade. (São João del Rei – Séculos XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007.
- CARMO, Cláudio Márcio do. O Lugar da Cultura nas Teorias de Base Linguística Sistemico-Funcional. Curitiba: Anniris, 2014
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo, Centauro, 2006
- LUCAS, Glaucia. Os Sons do Rosário – Os Congados Mineiros dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte, UFMG, 2002.
- MATTOS, Hebe Maria. Das cores do silêncio: o significado da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998
- _____; RIOS, Ana Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. Rev TOPOI, v.5, n.8, jan-jun. 2004.
- _____ & RIOS, Ana Lugão. Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005
- MONTEIRO, Livia Nascimento. História Oral e as festas do Rosário: memória, ancestralidade e identidade negra em Minas Gerais. Resgate, Campinas, vol. XXII, n. 27, jan.-jul. 2014, p.31-40.
- SOUZA, Marina de Mello e. Reis Negros no Brasil Escravista: História da Festa de Coroação de Rei Congo. Belo Horizonte, UFMG, 2002
- THOMPSON, P. A voz do passado. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

⁹ Idem

¹⁰ Padre Raimundo Inácio (1954-2014)

¹¹ Entrevista concedida por Maria da Graça Vicente de Oliveira a Samuel Pereira Avelar Júnior, Sílvia Brügger e Simone de Assis, em Barroso-MG, em 30/03/2017.

¹² Música “Pavão Dourado” entoada pelo capitão Prego – Congado Nossa Senhora do Rosário e Escrava Anastácia – Tiradentes-MG, em entrevista concedida por Claudinei Matias do Nascimento a Joarez Torres, Samuel Pereira Avelar Júnior, Sílvia Brügger e Simone de Assis, em Tiradentes, em 04/11/2015.